

## **Tradução de obra vocal: um estudo sobre os fenômenos de divisão silábica, sua aplicabilidade e soluções interpretativas.**

### **COMUNICAÇÃO**

*Lucia de Fátima Ramos Vasconcelos*  
*UNICAMP - luciafrv@hotmail.com*

*Adriana Giarola Kayama*  
*UNICAMP - akayama@iar.unicamp.br*

**Resumo:** O objetivo central desse estudo é, a partir de um estudo de caso, defender o estudo dos fenômenos de divisão silábica no Português Brasileiro como elementos estruturais no processo de tradução de obras vocais. A obra escolhida para estudo é o *Pierrot Lunaire* de Arnold Schoenberg, traduzido por Augusto de Campos. O presente artigo defende a importância do tratamento aos esquemas métricos, assim como a percepção do ritmo poético, ritmo musical e seu significado como uma unidade indissolúvel no processo de tradução da canção.

**Palavras-chave:** Tradução, fenômenos de divisão silábica, Intérprete, *Pierrot Lunaire*.

#### **Translation of vocal work: a study of the phenomena of syllabic division, its applicability and interpretative solutions.**

**Abstract:** The main objective of this study, which is based on a case study, is to study the syllabic divisions in Brazilian Portuguese as structural elements in the translation process of vocal works. The work chosen for this study is Arnold Schoenberg's *Pierrot Lunaire*, translated by Augusto de Campos. The article defends the importance of the treatment in metric schemes as well as the perception of poetic rhythm, musical rhythm and its significance as an indissoluble unity in the song translating process.

**Keywords:** Translation. Syllabic division. Performer. *Pierrot Lunaire*.

### **1. Introdução:**

Os fenômenos de divisão silábica são recursos estilísticos empregados com frequência em textos vocais de diversas línguas, inclusive em Português brasileiro. Dentre as possibilidades desses recursos, tanto podem ser usados como forma de enquadramento métrico em uma estrutura rítmica estabelecida quanto no processo criativo, ao propiciar ao texto uma estrutura rítmica particular.

O presente artigo tem por objetivo apresentar os fenômenos de divisão silábica, assim como sua aplicabilidade à música. Para tal, utilizamos como estudo de caso, o *Pierrot Lunaire*, composta por Arnold Schoenberg e traduzida para o português brasileiro por Augusto de Campos. A escolha do texto traduzido pelo poeta brasileiro é de especial importância por fornecer as soluções empregadas no caso em que a estrutura métrica é pré-estabelecida e, portanto, demanda de maior atenção por parte do tradutor.

Também serão apresentadas algumas soluções interpretativas tendo por objetivo facilitar o entendimento do ouvinte.

## **2. Música, Poesia e Fenômenos de União e Separação:**

Segundo Cerqueira (2006), a proximidade entre música e poesia, enquanto linguagens de fundamento sonoro e articulação temporal fornecem níveis de equivalência das dimensões verbais do texto poético (prosódia, morfossintaxe, semântica) com os parâmetros acústicos de altura, duração, intensidade e timbre, formadores dos aspectos horizontais e verticais da textura musical; o que leva a correspondências diretas e indiretas entre características estruturais poéticas e musicais (rítmicas, melódico-harmônicas, dinâmicas e timbrísticas). Esta identificação elementar do perfil formal fornece o fundamento de uma síntese que se pode definir como a “música básica” do texto, um ponto de partida objetivo e direto para a tradução musical.

O sentido rítmico da linguagem poética, por força da essência temporal, faz do ritmo o fator estrutural e expressivo que congrega todos os demais – melódico, harmônicos, intensivos e timbrísticos. (CERQUEIRA, 2006, p118)

A métrica poética, assim como a musical, pode ser entendida como base de “compasso”, ou modos de organização dos impulsos sonoros (sílabas na poética) em padrões repetidos ou variados, para a composição de séries (versos) homogêneas ou heterogêneas, quantitativamente equilibradas. Por exemplo, da fusão entre a versificação grega e latina, ficaram as conhecidas unidades métricas, os ‘pés’ ou ‘metros gregos’, formados por agrupamentos das moras: iambo (breve seguida de longa= U /), troqueu (longa seguida de breve= / U), dáctilo (longa mais duas breves= / U U), anapesto (duas breves mais longa= UU/), entre outras. As normas de versificação da poesia ocidental herdaram esse sistema clássico, adaptando-o progressivamente às contingências de cada idioma.

Stein e Spillman (2010) acrescentam que a escolha do ritmo e da métrica influencia a velocidade pela qual o texto pode ser falado e, conseqüentemente, como o texto pode compor-se à música.

Por motivos musicais, certas palavras podem ter um número variável de sílabas métricas; exemplo luar ou lu/ar, Poe/ta ou po/e/ta, pier/rô ou pi/e/rrô.

Durante o processo de versificação, alguns fenômenos de divisão silábica podem alterar a escansão métrica do poema. Esses fenômenos são recursos estilísticos que, quando utilizados com ciência e bom gosto, enriquecem tanto o poema quanto a tradução e a interpretação.

Esses fenômenos podem ser classificados entre inter-vocabulares e intra-vocabulares: se dizem respeito à relação entre palavras ou em uma mesma palavra. Ainda podem ser considerados como fenômenos de união ou separação, quando tem natureza aglutinativa ou de hiatização. Esses fenômenos são: elisão, sinérese e diérese.

Cagliari (2006) define elisão como um fenômeno inter-vocabular que ocorre quando junta-se palavras em enunciados complexos como frases, aglutinando-se duas vogais. Pode ser ditongo (vogais diferentes) ou crase (vogais iguais).

A elisão do tipo crase é a junção de duas vogais vizinhas e idênticas, numa só emissão de voz. Ocorre quando uma vogal fraca faz junção com a vogal inicial da palavra seguinte, seja ela fraca ou forte.

Percebe-se que em obras vocais, as elisões mais comuns do tipo crase aparecem entre vogais fracas.

Lava a (fraca com fraca)  
 Noite em (fraca com fraca)

Exemplo 1: elisão do tipo crase

No exemplo 5, da tradução de Augusto de Campos do melodrama “Lavadeira lívida”, ele emprega esse tipo de elisão entre vogais iguais e fracas seguindo a regra:



Figura 1: “Lavadeira lívida” – utilização de crase.

No exemplo seguinte, demonstram-se algumas possibilidades de elisão do tipo crase entre vogais de intensidades diferentes.

Leve Essa carta (fraca com forte)  
PÉ esquerdo (forte com fraca)

Exemplo 2: elisão do tipo crase – regra geral

Uma vogal forte pode ou não, fazer junção com vogal fraca da palavra seguinte, no entanto jamais deve fazê-la com vogal forte.

O CafÉ É quente (forte com forte)

Exemplo 4: elisão do tipo crase – uso inadequado

Pode haver a junção de três vogais numa sílaba métrica, mas não deve haver mais de uma vogal forte.

Lava a Alma ( fraca, fraca, forte)

Exemplo 3: elisão do tipo crase com 3 vogais

Em relação a esse tipo de elisão, recomenda-se sempre que possível, uma pequena articulação glótica por parte do intérprete, o que facilitaria o entendimento das palavras.

A elisão do tipo “ditongo” é a junção de duas vogais vizinhas, porém distintas, em uma só sílaba. É o agrupamento de uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba, sendo crescente quando une semivogal e vogal; decrescente quando une vogal e semivogal.

Canto Esta canção (ditongo crescente)

Caí aqui (ditongo decrescente)

Exemplo 4: elisões do tipo ditongo crescente e decrescente

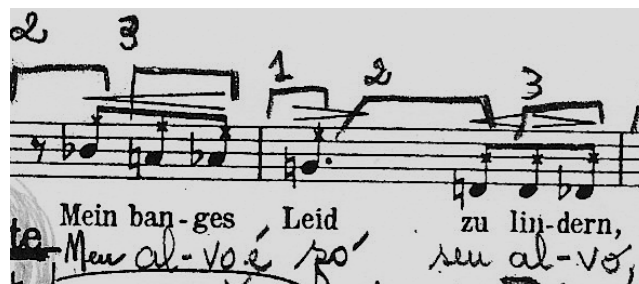


Figura 2: “Colombina” – utilização de ditongação crescente



Figura 3: “Colombina” – utilização de ditongação decrescente

Em relação à métrica musical percebe-se que especialmente as elisões do tipo ditongo crescente, quando situados em um tempo forte do compasso ou mesmo da figura rítmica, relaciona-se com maior eficácia com a música e promove um melhor entendimento por parte dos ouvintes.

Além desses fenômenos inter-vocabulares, existem aqueles intra-vocabulares, que ocorrem dentro de uma mesma palavra e são eles:

**Sinérese:** ocorrência de aglutinação intra-vocabular que une as vogais separadas pela hiatização, em uma única sílaba, formando um ditongo.

Pior  
Diabo

Exemplo 5: Sinérese

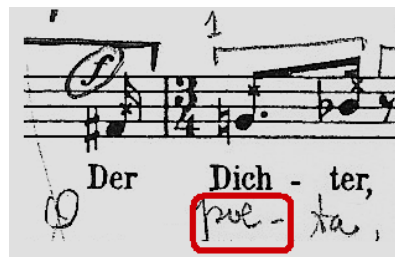


Figura 4: “Bêbado de Lua”- utilização de sinérese.

Da mesma forma que a elisão do tipo ditongo, uma leve articulação entre as vogais por parte do intérprete, também propiciará um melhor entendimento do ouvinte.

Além dos fenômenos de aglutinação, observa-se nos exemplos 12 e 13 alguns dos processos de separação ou hiatização.

**Diérese,** por sua vez, é uma ocorrência intra-vocabular que separa as vogais unidas em diferentes sílabas, formando um hiato.

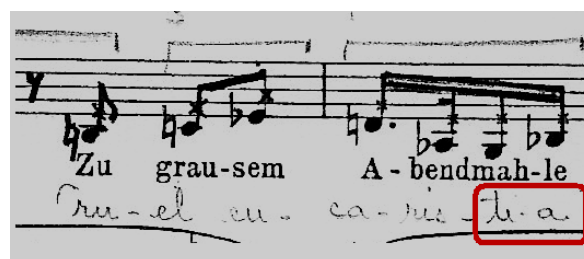


Figura 5: “Missa vermelha”- utilização de Diérese.

De uma forma geral, as línguas se comportam de modo distinto em relação ao modo de divisão silábica. Para línguas como o português e o francês, o fenômeno de elisão aparece de forma mais recorrente e a união de uma terminação em vogal de uma palavra com o início em vogal de outra implica na contagem de um único pé métrico. O alemão,

entretanto, não se utiliza desse recurso, destacando muito bem os pés métricos entre as palavras, silabicamente.

Quando o tradutor se defronta com línguas com naturezas diferentes em relação a esse tratamento, precisa ter uma especial atenção para não deslocar metricamente a acentuação dos versos.

<p><i>Gen Himmel wendet er verzückt</i></p> <p>U / U</p> <p><b><u>E</u> o <u>céu</u> é seu até que cai</b></p> <p>U / U</p>
---

Exemplo 7: Comportamento dos pés métricos e elisão

No exemplo acima, pode-se ilustrar a elisão enquanto fenômeno existente no português que pode inclusive unir duas palavras em um único pé.

<p><i>Wäscht zur Nachtzeit bleiche Tücher</i></p> <p>/ U / U / U /</p>	<p><b>Lava a noite em</b> alvos lenços;</p> <p>/ U / U / U /</p>
--	--

Exemplo 8: Comportamento dos pés métricos e elisão

No exemplo 8, pode-se observar que esse é um recurso que possibilita, inclusive, a inserção de um número maior de palavras dentro de uma mesma métrica. Assim, a língua portuguesa permite ao poeta a liberdade de elidir ou separar as vogais.

### Conclusão:

Tendo como objetivo central fornecer ferramentas ao trabalho tradutório de obras vocais, o presente artigo buscou, através de uma análise de caso (a tradução por Augusto de Campos do *Pierrot Lunaire* de Arnold Schoenberg), fornecer ferramentas ao tradutor e defender a importância do estudo do papel dos fenômenos de união e separação de palavras enquanto elementos estruturais do verso. Demonstramos que, enquanto elementos sonoros, vibrantes e enriquecedores, com estreita ligação com a fraseologia musical, eles fornecem também recursos expressivos ao trabalho dos intérpretes em obras musicais traduzidas. Entendida a tradução como processo, ou seja, enquanto ato que leva a concretização de uma recriação artística em uma língua diferente do original, defendemos a abordagem musical do texto, através da comparação gradativa entre os seus elementos estruturais verbais e elementos sonoros neles atuantes.

**Referências:**

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CAMPOS, Augusto de. *Música de invenção*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CERQUEIRA, Fernando. *Musicalidade e poesia*. Salvador: Ed. Quarteto, 2006.

SCHOENBERG, Arnold. *Pierrot Lunaire*. Nova Iorque: Ed. Dover Publications, 1994.

STEIN, Deborah. & SPILLMAN, Robert. *Poetry into song: Performance and analysis of Lieder*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2010.